

O INGLÊS ERNEST HAMBLOCH NO BRASIL (UMA DIFÍCIL VIAGEM)

Vamireh CHACON

Após as permanências de José Honório Rodrigues na Universidade do Texas, **campus** de Austin, em companhia da sua esposa, a escritora, Leda Boechat Rodrigues, lá também estive como pesquisador de temas diferentes dos seus, mas nossas investigações se cruzaram pelo menos num ponto; as tumultuadas passagens do viajante inglês, viajante moderno. Ernest Hambloch, pelo Brasil das décadas de 1900 à de 1930. Podemos acompanhar seus pontos memoráveis pelos dois livros de recordações diplomáticas de Hambloch, **British Consul (Memories of Thirty Year's Service in Europe and Brasil)**, editado por George G. Harrap & Company Ltd., Londres-Toronto-Bombaim-Sydney, 1938, e **Here and There (A Medley of Memories)**. Johnson, Londres, 1968, próximo do seu falecimento ocorrido dois anos depois (ele nasceu em 1886 no mesmo local, Londres).

Hambloch foi diplomata, serviu na França, Alemanha, Itália, Sérvia, Suíça, Áustria e Brasil (aqui esteve ao longo de intermitentes vinte e cinco anos como cônsul e adido comercial; organizou a participação britânica na Exposição Mundial do Centenário da nossa independência, 1922). Fundou e foi secretário da Câmara Britânica de Comércio no Brasil. Escreveu aqueles livros, relatórios econômicos ao seu governo e **His Majesty The President of Brazil** (1934), o gerou toda a celeuma e incidentes analisados por José Honório Rodrigues na sua introdução à tradução brasileira **Sua Majestade o Presidente do Brasil** publicada pela Editora Universidade de Brasília por tradução de Leda Boechat Rodrigues em 1981. José Honório ali recorre à edição dos Estados Unidos, 1936, porém os episódios relatados são de 1935. Não vamos reconstituí-los aqui e sim ligá-los aos sentimentos íntimos de Hambloch antes, durante e após, conforme suas paralelas anotações pessoais em seguida reveladas naqueles livros de memórias.

Ernest Hambloch tinha sido transferido de Belgrado, em trânsito por Londres, quando veio designado ao Brasil em janeiro de 1910. Na época, segundo ele, o Rio de Janeiro era das mais caras cidades do mundo, forçando pouco a pouco os residentes britânicos a transferirem-se a Niterói. Descreve com bom humor as instituições britânicas permitidas pelo Tratado de 1810 (hospital, igreja, cemitério, clubes), a Igreja Anglicana, localizada por coincidência na Praça da Mãe do Bispo (católico) numa cidade então com nomes poéticos como ruas, avenidas e becos ditos da Generosidade, Regeneração, Fraternidade, Liberdade, Perseverança, Tranqüilidade, Nova Jerusalém e até Crocodilo (só depois é que muitas passaram a chamar-se “do dr. Fulano de Tal” no poema de Manuel Bandeira...).

Hambloch deu-se ao trabalho de contar os números de logradouros da então capital federal com nomes de ilustres titulares da império e da república: dezessete marqueses, dezesseis condes, trinta e oito viscondes quarenta e oito barões, diante da ainda mais avassaladora república, com nada menos de trinta marechais, setenta generais, trinta e dois coronéis, dezessete majores, trinta e um capitães e trinta e quatro tenentes, a Marinha mais modesta com “apenas trinta almirantes e vinte e sete capitães”... Os civis não ficavam atrás, incontáveis os nomes de doutores, cinqüenta e quatro os professores, oito os de professoras e também inumeráveis os de santos, sem esquecer os sargentos, vinte e quatro...

Ernest Hambloch também descreve evidentemente o que melhor conhecia por dentro, as visitas oficiais de políticos britânicos ao Brasil, porém deixa em suspenso o ainda hoje misterioso desfecho da expedição do Coronel Brian Fawcett ao então remoto Brasil Central. Grandes amigos brasileiros de Hambloch foram o juiz Perestrello de Carvalhosa, advogado depois de aposentado, e José Maria dos Santos de quem dá um perfil bem pessoal e cuja principal obra de historiador Hambloch traduziu ao inglês. Santos e Carvalhosa foram os incentivadores que ele escrevesse *Sua Majestade o Presidente do Brasil*, o qual, mesmo com o acadêmico sub-título *Um Estudo do Brasil Constitucional (1889-1934)*, não deixou de despertar polémica por suas críticas aos abusos presidencialistas latino-ibero-americanos e conseqüente expulsão do autor do Brasil, não só para Getúlio Vargas agradar a Mussolini com incidente envolvendo diplomata britânico, quanto porque Vargas já havia iniciado sua marcha rumo ao parafascista Estado Novo, o qual de início imaginara a possibilidade da vitória do Eixo Roma-Berlim-Tóquio na Segunda Guerra Mundial.

Hambloch testemunha a indiferença brasileira diante das causas da Primeira Guerra Mundial, os Aliados só atraindo alguma simpatia

quando do ataque alemão à neutra Bélgica em 1914. Fora disso os lugares comuns consideravam a Grã-Bretanha uma avarenta exploradora, decadente a França e a Alemanha “a nação mais viril da Europa”, os Estados Unidos ainda em começo de ascensão internacional. A maioria dos intelectuais em favor da França, embora houvesse também muitos germanófilos. Início dos grandes conflitos das super-potências da época pelo controle das suas periferias.

Os dois livros de memórias de Ernest Hambloch, **British Consul e Here and There**, são dois importantes testemunhos dos bastidores britânicos diplomáticos na sua visão da vida quotidiana social e política do Brasil. O incidente em torno do livro **His Majesty the President** faz parte desse contexto, ao revelar muito do que os diplomatas do governo de Londres pensavam sobre os costumes políticos brasileiros. Hambloch sempre teve a confiança dos superiores, cujas opiniões até certo ponto expressava, daí seus sucessivos retornos ao posto na Embaixada da Grã-Bretanha então no Rio de Janeiro.